

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE TECNOLOGIA
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO

**PERCEPÇÃO COLETIVA EM UM ESPAÇO PÚBLICO PARA LAZER: O CASO DA
PRAÇA DO OPERÁRIO NO BAIRRO DE SÃO BRÁS EM BELÉM DO PARÁ**

BENIELTON CÁSSIO VIEIRA GOMES

BELÉM – PARÁ
2019



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ

INSTITUTO DE TECNOLOGIA

FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO

BENIELTON CÁSSIO VIEIRA GOMES

**PERCEPÇÃO COLETIVA EM UM ESPAÇO PÚBLICO PARA LAZER: O CASO DA
PRAÇA DO OPERÁRIO NO BAIRRO DE SÃO BRÁS EM BELÉM DO PARÁ**

BELÉM-PA

2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE TECNOLOGIA
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO

BENIELTON CÁSSIO VIEIRA GOMES

**PERCEPÇÃO COLETIVA EM UM ESPAÇO PÚBLICO PARA LAZER: O CASO DA
PRAÇA DO OPERÁRIO NO BAIRRO DE SÃO BRÁS EM BELÉM DO PARÁ**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Pará, como requisito de Avaliação para obtenção do grau de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Orientador:

Profº. Dr. Luiz de Jesus Dias da Silva

BELÉM-PA

2019

BENIELTON CÁSSIO VIEIRA GOMES

**PERCEPÇÃO COLETIVA EM UM ESPAÇO PÚBLICO PARA LAZER: O CASO DA
PRAÇA DO OPERÁRIO NO BAIRRO DE SÃO BRÁS EM BELÉM DO PARÁ**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Pará, como requisito de Avaliação para obtenção do grau de Bacharel de Arquitetura e Urbanismo.

Belém (PA), dezembro de 2019

BANCA EXAMINADORA

Presidente: Prof. Dr. Luiz de Jesus Dias da Silva

Orientador

Prof. Dr. Ronaldo Nonato Ferreira Marques de Carvalho

Avaliador Interno (UFPA)

Prof. Msc. Stélio Santa Saldanha Rosa

Avaliador Externo (UFPA)

RESUMO

Neste trabalho foi feito o estudo de caso da Praça do Operário, a percepção ambiental coletiva das pessoas em relação a este espaço público visto muitas vezes como inóspito ou desagradável. Por meio de pesquisa em impressos e entrevistas feitas com pessoas da cidade de Belém de duas vertentes, a primeira composta por pessoas que se encontravam na praça e a segunda por pessoas que não estavam na Praça do Operário. O objetivo era traçar o perfil de opinião dos dois grupos, e de forma comparativa compreender como é a percepção ambiental daqueles que convivem/ usam o espaço em contrapartida com pessoas que, apesar de morar na cidade, não possuem um contato tão próximo com o espaço para somente então, concluir com análise sobre o uso do espaço como possibilidade de lazer. Tudo isso ao mesmo tempo que analisava e comparava com outras praças da cidade de Belém.

Palavras chave: Praça do Operário. Percepção ambiental. Espaço público.

ABSTRACT

In this paper, a case study was made in Praça do Operário, a collective environmental perception of people in relation to the public space, often seen as inhospitable or unpleasant. Through research on impressions and interviews made with people from the city of Belém in two ways, the first composed of people who found the square and the second by people who were not in Praça do Operário.

The objective was to track the opinion profile of two groups, and comparatively understand how the environmental impact/ use space is perceived in contrast to people who, despite living in the city, do not use such close contact with space to only. Then, we conclude with an analysis of uses space as a possibility for leisure. All this while analyzing and comparing with other squares of the city of Belém.

Keywords: Worker Square. Environmental perception. Public place.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Praça Santuário de Nazaré. Praça Santuário de Nazaré.

Figura 2 – Praça da República, Belém-Pará.

Figura 3 – Esculturas da Praça João Coelho, Belém PA.

Figura 4 – Elementos decorativos. Praça Batista Campos, Belém Pará. A, B, C e D – Elementos decorativos. E – Mobiliário de serviço. F – Mobiliário de lazer. G e H – Mobiliário de comercialização.

Figura 5 – Mobiliário decorativo (Monumento do Operário), de lazer (bancos) e comercialização informal (barraquinhas). Praça do Operário. Belém – PA.

Figura 6 – Comercialização informal (barraquinhas) na Praça do Operário. Belém – PA.

Figura 7 – Bairro de São Brás e bairros limítrofes Fátima, Marco, Canudos, Guamá, Cremação e Nazaré.

Figura 8 - Localização. Bairro de São Brás. Belém – PA.

Figura 9 – Bairro de São Brás e bairros limítrofes Fátima, Marco, Canudos, Guamá, Cremação e Nazaré.

Figura 10 – Localização da Praça do Operário. Belém - PA.

Figura 11– Localização da Praça do Operário. Belém - PA.

Figura 12– Aero fotograma do IAPI, Praça do Operário e Estação de Trem de São Brás 1955/ Praça do Operário e Terminal Rodoviário 2019.

Figura 13 – Vista aérea de São Brás no *início* da década de 70.

Figura 14 – Praça do Operário, 1970.

Figura 15 – Elevação A e B. Projeto Original.

Figura 16 -Peças de concreto. Projeto original.

Figura 17- Monumento do Operário. Projeto original.

Figura 18- Degraus do monumento em corte. Projeto Original.

Figura 19- Monumento elevado, planta baixa. Projeto Original.

Figura 20- Posição refletores. Projeto original.

Figura 21- Detalhe floreira em planta. Projeto original.

Figura 22- Recorte de jornal mostrando a Praça do Operário em 1994.

Figura 23- Barracas de café próximo ao terminal rodoviário, Belém – PA.

Figura 24- A – Esquina da Praça do Operário com pessoas e carrinhos. B – Carrinho de fruta na mesma esquina da Praça.

Figura 25- Fluxo intenso de carros e pessoas e esquina da Praça do Operário entre Almirante Barroso e Cipriano.

Figura 26- Fachada das lojas que funciona como ponto de ônibus.

Figura 27- Estacionamento localizado em frente ao terminal rodoviário.

Figura 28- Pessoas sentadas nos bancos voltadas para fora da praça.

Figura 29- Espaços com grama e árvores além dos bancos.

Figura 30- A - Viaturas de polícia patrulhando a segurança. B – Viatura no meio da praça. C – Pessoas conversando no meio da praça enquanto carro de polícia patrulha a segurança.

Figura 31- Monumento do Operário na Praça do Operário.

Figura 32- Locais das entrevistas. A - Bancos na praça. B - Ponto de ônibus. C - Fora do ponto de ônibus.

Figura 33- Percentual de gênero dos entrevistados e faixas etárias.

Figura 34- Motivo do entrevistado estar/frequentar a Praça do Operário.

Figura 35- Resultados sobre o entrevistado levar a família para a Praça do Operário. A – pessoas na praça. B – entrevistados que não frequentam a praça.

Figura 36- Resultado sobre o entrevistado achar a Praça do Operário limpa e conservada. A – pessoas na praça. B – entrevistados que não frequentam a praça.

Figura 37- Lugar agradável de ficar/ estar. A – pessoas na praça. B – entrevistados que não frequentam a praça.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por nunca me deixar caminhar sozinho, por toda a trajetória percorrida e pelas pessoas que caminharam comigo.

À minha família, meus pais, Mardiled Tânia e Benedito Vieira por sempre apoiarem minhas decisões. A minhas irmãs, Betânia Cássia e Betiane Cássia por sempre torcerem pelas minhas vitórias e conquistas.

Aos meus companheiros da graduação e amigos, Alison Ramos, Camila Trindade, Dario Junior, Edlon Corrêa, Luiz Otávio e Sidney Perry pela mão amiga, abraço afetuoso e principalmente pela presença, parceria e afeto durante essa jornada. Com vocês a graduação se tornou mais agradável e prazerosa.

Agradeço também aos docentes, Luiz de Jesus, Fabiana Coelho, Cecília Basisco, Ana Cláudia Cardoso, Juliano Ximenes, Jorge Eiro, por todo conhecimento que apliquei neste trabalho. Um agradecimento especial ao professor Haroldo Baleixe que me forneceu fotos raras e ao arquiteto e professor Jose Freire que me recebeu atenciosamente em seu escritório e não impôs barreiras em fornecer cópias das plantas originais do projeto da Praça do Operário. A todos eu digo, obrigado.

“Quero beber o sol da manhã e no balanço
de uma praça quem sabe me encontrar entre
os velhos e as crianças onde o tempo parece
parar”

(LUKA, canção, O mundo continua, 2006).

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
1.1 PROBLEMÁTICA.....	12
1.2 JUSTIFICATIVA.....	13
1.3 OBJETIVOS.....	13
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	16
2.1 PRAÇAS URBANAS.....	16
2.2 FUNÇÕES E IMPORTÂNCIA.....	19
2.3 A PERCEPÇÃO.....	26
3 METODOLOGIA.....	29
3.1 LOCAL DE PESQUISA.....	29
3.2 DESENHO DE ESTUDO E COLETA DE DADOS.....	38
3.3 APÊNDICE.....	60
4 RESULTADOS.....	40
4.1 ANÁLISE ESPACIAL DA PRAÇA E ENTORNO.....	40
4.2 PERCEPÇÃO DO USUÁRIO E DO CIDADÃO BELENENSE.....	46
5 CONCLUSÃO E ANÁLISE.....	52
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	55
7 REFERÊNCIAS.....	57

INTRODUÇÃO

PROBLEMÁTICA

JUSTIFICATIVA

OBJETIVOS



1 INTRODUÇÃO

Os espaços recreativos são essências para a vida e saúde das pessoas. O contato com a natureza faz bem para a saúde e o lazer é aliado na diminuição da tensão do homem urbano e social. É dever da prefeitura assegurar aos cidadãos que esses espaços existam. Porém não basta existir: eles necessitam funcionar eficientemente.

A interação homem e espaço, é fundamental para sobrevivência de uma área pública como a praça. Devidamente elaborada, ela é entregue aos cidadãos para que as pessoas ocupem e façam devido uso dessa área. Por outro lado, quando isso não acontece, poderá se tornar um espaço perigoso que afasta as pessoas justamente por não haver transeuntes que a ocupem. Com o tempo, a deterioração acarretará em sujeira, abandono e esquecimento por parte de moradores e órgãos públicos. Com mais algum tempo, poderá atrair traficantes e consumidores de narcóticos, moradores de rua, prostituição e se tornar propícia à prática de assaltos, o que servirá como reforçador para que as pessoas evitem mais e mais essas áreas. O destino delas não é outro senão a degradação. É preciso buscar alternativas para reverter isso de forma emergencial.

Nesse sentido o objeto dessa pesquisa é a Praça do Operário, localizada no bairro de São Brás Belém-Pará, uma área bem localizada, com fluxo de pessoas consideravelmente grande que, diariamente, transitam por entre a mesma. Esta praça não atinge o fim de proporcionar um lazer as pessoas. Assim, é necessário um estudo que esclareça o que acontece para que haja esse desinteresse quanto a área. Em seguida, analisar e concluir sobre a percepção e uso da praça.

1.1 PROBLEMÁTICA

A ideia motriz, responsável por impulsionar e alimentar o desejo de realizar este trabalho ocorreu por meio da constante observação da cidade de Belém sob um olhar forasteiro; de alguém não oriundo da mesma. Este olhar obstinado, contemplativo, fascinado, quase infantil, diante do novo e diferente, não pode deixar de notar com alguma estranheza o que, para tantos moradores e habitantes, é visto como normal e habitual da paisagem urbana.

Em meio a tantas áreas destinadas ao lazer e bem-estar social, sempre se ouvia em algum momento, seja de amigos e/ou, em alguns momentos, até mesmo de pessoas desconhecidas, expressões como: “cuidado com esse lugar...”, “não ande por ali...” e outros conselhos mais. Em alguns casos a compreensão era aceitável, todavia, outros, não deixavam de despertar um olhar instigante e questionador. Uma área bem centralizada, com fluxo de pessoas, transportes, e atividade razoável de comércio e serviços que nunca passa uma sensação boa, um lugar público, destinado ao uso coletivo que nunca exala ares agradáveis ou atrativos a convivência, é como deveria ser a praça do Operário, no bairro de São Brás.

Cresceu o desejo de saber “o porquê” dessa ocorrência. Mais do que isso, evoluiu o desejo; na postura de um futuro profissional responsável por gerar espaços e ambientes de convivência, de entender e fazer entender como a ideia de reabilitar áreas públicas, nos moldes atuais, é incompleta e fraca quando poderia ser mais eficiente e sustentável.

Quando se fala na “recuperação de um espaço”, se cogita pintar bancos, cortar grama e recuperar elementos depredados pelo vandalismo, apenas. Este tipo de recuperação tem se mostrado ineficiente e insustentável, uma vez que se recupera, porém não é reabilitado. Logo, o esforço e trabalho não geram resultados satisfatórios. Existem alternativas assertivas e neste trabalho, serão apresentadas algumas proposições nesse sentido e isso faz com que haja uma certa relevância nesta pesquisa. Para tanto, antes é necessário entender o processo que desencadeia o quadro, para depois tentar mudá-lo, revertê-lo.

1.2 JUSTIFICATIVA

Quando um arquiteto faz um projeto seja para o cliente particular ou para o social, seu intuito sempre vislumbra positivamente o êxito do fruto de seu trabalho. A variante oposta quase nunca é sequer cogitada. O fator determinante do sucesso de um projeto está além de ser concebido fisicamente tal como foi no papel; está na aceitação por parte do principal contemplado, o real cliente que irá desfrutar do mesmo. No caso de um espaço público, o beneficiado é a própria sociedade.

Um espaço aberto, vazio, com absolutamente nada, não recebe valor algum por parte da população. Porém, mesmo que não se cogite a respeito, um espaço projetado, construído e entregue pelos órgãos do Poder Público da cidade pode agregar o mesmo valor. O projeto da Praça do Operário foi, um dia, planejado, aprovado, executado como o planejado, e entregue à população, porém está abandonado.

Em alguns casos o sol e a chuva fortes de nossa região ainda não desgastaram estes espaços projetados e construídos pelo Poder Público (praças, parques e outros). Assim, uma vez observado que o ato de vândalos ainda não aconteceu, a limpeza é mantida e os equipamentos como bancos e lixeiras ainda continuam inteiros, não há um motivo aparente, visível, que justifique o fato de “não uso” por parte das pessoas, moradores e transeuntes. Pouco se especula sobre os motivos que causam tal acontecimento; o afastamento da população consumidora que, no dia a dia, além de evitar frequentar estes lugares (a menos que realmente seja necessário), alertam os desavisados para que também evitem frequentar ou o façam com cuidado. Há uma carência de alternativas criativas que visem reverter este quadro de aversão, por parte das pessoas, a um determinado lugar cuja finalidade é a de proporcionar o lazer e bem-estar. Uma doença que não se identifica as causas da mesma, não pode ser curada.

Este trabalho tem como objetivo geral de observar e analisar a Praça do Operário, localizada no bairro de São Brás, cidade de Belém, para entender como a falta de apropriação de um espaço público pode interferir diretamente no uso do mesmo; capacitando-o com qualidades e adjetivos positivos ou negativos. Como objetivos específicos, são pretendidos:

- 1) Comparar com algumas praças da cidade de Belém: Praça Batista Campos, Praça Brasil, Praça Santuário de Nazaré, Praça das Sereias e Praça da República.
- 2) Entender o motivo do lugar ser considerado inóspito e desagradável para lazer pela população.

3) Levantar discussão de como a mudança na forma de interação popular pode alterar na conservação e preservação de um ambiente, basicamente, por meio do uso como alternativa maior.

4) Fazer análise e conclusão sobre a percepção a respeito da Praça do Operário.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

PRAÇAS URBANAS
FUNÇÕES E IMPORTÂNCIA
A PERCEPÇÃO



2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 PRAÇAS URBANAS

Para Segawa (1996, p. 31), “a praça é um espaço ancestral que se confunde com a própria origem do conceito ocidental de urbano”. Os espaços livres assumem função pública na Grécia, considerado o primeiro país a adotar essa finalidade e adaptação desses locais que seriam considerados locais de passeio, conversas entre as pessoas e lazer da comunidade de uma forma geral. No Império Romano, todas as vilas existentes, possuíam algum tipo de jardim e/ou espaço livre, porém é na Grécia que surge o conceito de espaço livre atribuído a Roma, onde acontece a conversão de um jardim privado, ou seja, uma propriedade própria da nobreza, que passa, pela conversão, a ser um espaço livre para usufruto da comunidade toda e não só de uma minoria dominante e privilegiada. Roma antiga atentava pelo uso escultórico e arquitetônico em concordância com o verde em suas composições de jardim, constituindo-se assim, belos exemplos na história da jardinagem de caráter ímpar. Nesses jardins, mesmo a vegetação não era considerada algo ao acaso e fora de contexto, era moldada e modelada de acordo com uma nova arte de nome topiaria ou topiária³ (nome dado pelos romanos) (CALCANO; LAURIE, 1983 *apud* DE ANGELIS, 2000).

As praças surgiram como uma necessidade que transcende ser um simples encontro de ruas, e passa a um ponto específico onde acontece o encontro de pessoas. Uma praça urbana possui em sua essência diversos significados; alguns foram esquecidos no decorrer dos tempos, outros foram adaptados para os dias atuais. De toda forma, para melhor compreender a complexidade e assim poder resgatar estes significados que existem desde o surgimento destes espaços até a atualidade, antes, é necessário entender como alguns autores pensaram sobre o tema.

Esses espaços se alteraram no decorrer do tempo histórico, conforme o autor De Angelis *et al.* (2005, p.2-3) nos atesta, relativo as praças: “na Antiguidade, sua função era bem mais rica de significado, não se limitando a lugar de cruzamento das vias públicas, estacionamentos para automóveis ou de ponto para comércio de mercadorias as mais diversas”. De acordo com Rigotti, (1965, *apud* DE ANGELIS *et al.*, 2005, p. 2) “as praças são locais onde as pessoas se reúnem para fins comerciais, políticos, sociais ou religiosos, ou ainda, onde se desenvolvem atividades entretenimento”. Este mesmo autor fala sobre as diversas funções que objetivam a finalidade que uma praça pode ter. É dos hábitos das pessoas que fazem uso da praça que o objetivo e função da mesma se consolida e passa de pai para filho, dos idosos aos

mais jovens de forma a estabelecer e manter a relação com o local. São eles, os hábitos, que dão valor e determinam um caráter; positivo ou negativo.

A exemplo, em Belém - Pará, existe a Praça Santuário de Nazaré (figura 1), que procura transmitir um fim religioso ou de sacralidade. Nesse local específico, não se realiza uma feira de produtos. É um lugar de contemplação de monumentos que homenageiam o Círio de Nazaré e a padroeira da cidade, virgem de Nazaré. Há ainda a praça da República (figura 2), onde já se firmou uma verdadeira tradição na vida do cidadão. Aos domingos, acontece uma grande comercialização a céu aberto assomado com o lazer. Neste dia, jovens passeiam, famílias, cidadãos de todas as faixas etárias e classes sentem-se confortáveis. O fluxo de pessoas, além de atrair mais pessoas, transmite a sensação de segurança e conforto.

Figura 2: Praça Santuário de Nazaré.



Fonte: Mileny Lima, 2016.

Figura 3: Praça da República, Belém-Pará.



Fonte: A, B e C - Aline Rocha, 2018; D - Secon prefeitura de Belém, 2017.

Sitte (1992, p.25, *apud* DE ANGELIS *et al.*, 2005, p.2) escreve que nas praças “[...] concentrava-se o movimento, tinham lugar as festas públicas, organizava-se as cerimônias oficiais, anunciavam-se as leis, e se realizava todo tipo de eventos semelhantes”. Sendo um ferrenho defensor da arte nas praças, Sitte reforça o pensamento de encontros públicos, reuniões, ora para festas comemorativas, ora para tratar de assuntos sérios como transmissão de informações importantes à comunidade. De um jeito ou de outro, o elemento principal é a reunião de pessoas.

Figura 4: Esculturas da Praça João Coelho, Belém PA.



Fonte: Junnior Belém, 2019.

2.2. FUNÇÕES E IMPORTÂNCIAS

Norberg-Schulz (1976), fala sobre a terminologia em latim, *genius loci* (o espírito do lugar), que, enquanto conceito, percorre a história do homem por gerações. Este termo não é um conceito recente e inúmeras culturas e civilizações acreditavam firmemente na existência desse ser que habitava os diversos ambientes. Na edificação que o indivíduo criou vínculos, uma casa em que cresceu, um prédio que visitava amigos, na arquitetura de uma forma geral, as memórias junto com a percepção seriam o espírito do lugar, relacionado às conexões existente no ambiente. O autor deixa claro que era muito importante na antiguidade o firmamento de uma boa relação com o espaço para a sobrevivência física e psíquica de um lugar. Essa necessidade é real e perdura até os dias atuais, afinal, é por meio da ação de perceber que o consumidor de um espaço o julga seguro, relaxante, prazeroso, agradável ou não.

No Brasil, a existência de praças e largos é antiga, pois remonta desde os primeiros séculos da colonização. Esses espaços eram de extrema importância e exigiam as atenções dos colonizadores, uma vez que tais espaços constituíam pontos nodais dentro do meio urbano, cuja localização ocorria em torno da arquitetura mais apurada. Era em torno das praças que se localizavam as casas de família, as igrejas, os prédios públicos, ou seja, as praças eram lugar de destaque e de encontro. (REIS FILHO, 1968).

A Revolução Industrial, século XVIII, proporcionou e foi um estopim para transformações no campo social, político e econômico de diversos países. A vida do homem urbano mudou de forma drástica. Muda-se a rotina, o cotidiano, os hábitos; agora o homem urbano não tem disponibilidade para atividades contemplativas: ao contrário, o tempo agora é

uma medita monetária e quanto menos ele gastar com tempo ocioso, melhor. A nova rotina exige dedicação e toda sua disponibilidade o que gera mudanças espaciais na cidade de forma a atender as novas necessidades. As diversas infraestruturas mudam para atender essa nova demanda (HOBSBAWM, 2010).

A atividade paisagística é consolidada no Brasil a partir do século XX. A aglomeração urbana sofre inchaço e as transformações, tanto na sociedade quanto no urbanismo, não param. Hardt fala sobre os paradigmas econômicos que viriam se sucedendo desde a idade média. Seriam ao todo, três paradigmas sobre a economia. O primeiro, a agricultura e extração. O segundo paradigma a indústria e fabricação de bens duráveis que teria posição de privilégios e por último, mas não menos importante, a oferta e serviços, manuseio de informações estariam no coração da economia.

Sobre o complexo de indústrias e crescimento, Perroux fala sobre o fato de concentração territorial que gera algumas consequências importantes. Em determinada região geográfica que se concentra um pólo industrial de caráter urbano, são criados diversificados consumidores daqueles de meio rural. Surge necessidades coletivas para os trabalhadores, exemplo: meios de transporte e serviços públicos. E também surge um espírito coletivo entre empresários, mão de obra especializada e quadros de indústrias. Assim, observa-se que um polo de crescimento concentrado adquire caráter transformador do espaço em que permanece inserido e mais do que isso, pode transformar até mesmo a estrutura da economia nacional.

A modernização proporcionou tais alterações nas sociedades e era marcada pelas migrações do trabalho predominante agrícola e de mineração para a indústria. Todavia, o autor nos fala que, isso tudo não faz mais parte do quadro atual, ao contrário, agora prevaleceria a pós modernização ou informatização, processo no qual a migração acontece da indústria para os serviços, ou terceirização. A agricultura teria sido alterada pela industrialização e está, por sua vez, pela revolução da informação. No século seguinte as praças perdem o público e consumidores para novas maneiras de lazer e/ou distração. O desenvolvimento de eletrônicos, por si só foi um grande responsável. Ademais, o advento de *shoppings centers* e hábitos modernos de consumismo, contribuíram com o desviar do olhar das pessoas para outras formas de lazer. Com isto, as praças públicas perderam uma parcela dos seus frequentadores (HARDT, MICHAEL e ANTONIO NEGRI).

Assim, com a modernidade, as novas gerações em muitos casos desconhecem o valor destes espaços e a memória histórica se perde, salvo uma ou outra que, sobrevive e funciona de

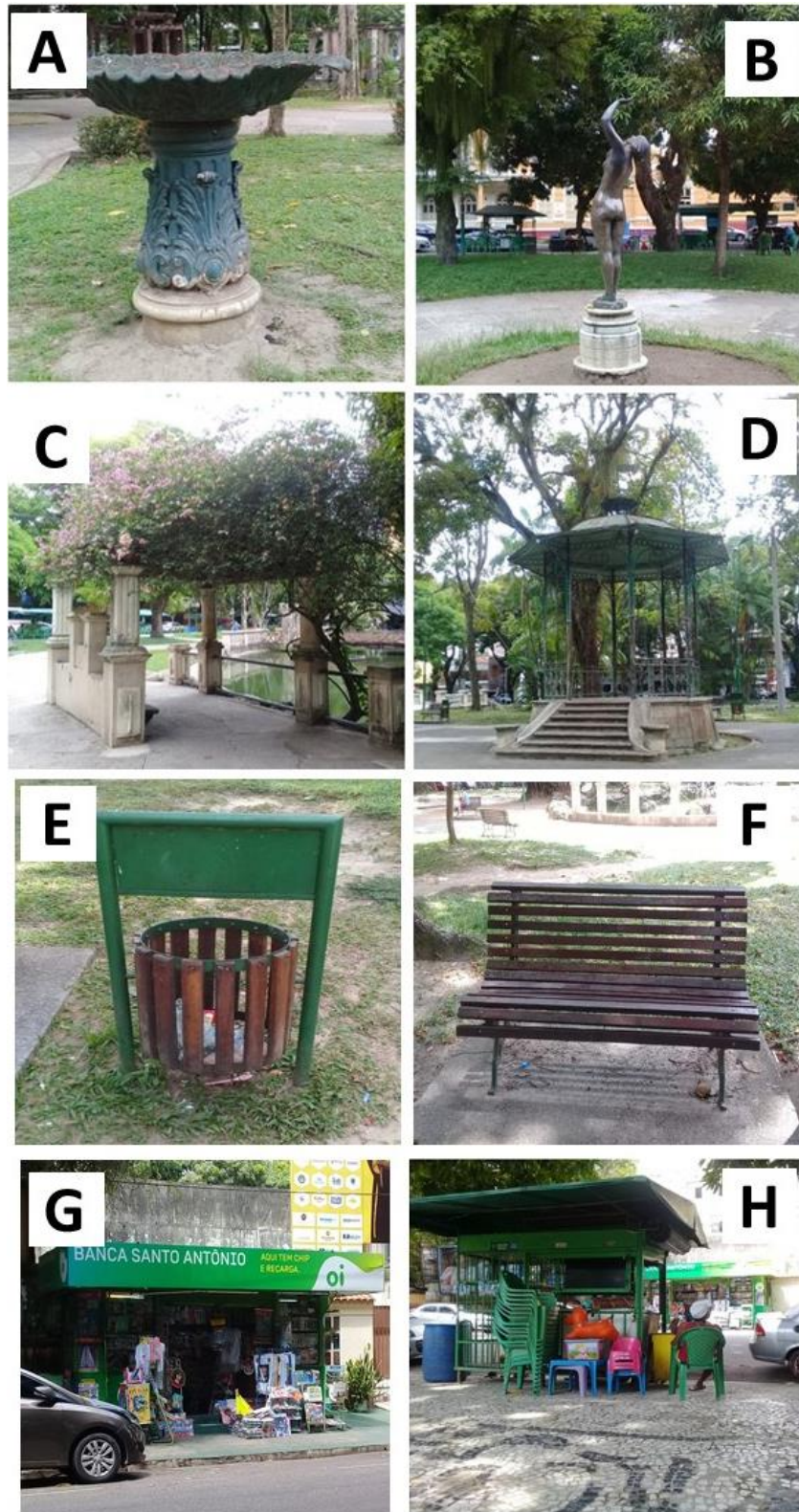
forma satisfatória. Assim como nos diz o autor De Angelis (2005, p. 3): “praça como espaço da memória histórica que forneceu tanto a moldura quanto o fundo para discursos políticos e culturais sobre a cidade como local de identidade, de tradição, de saber, de autenticidade, de continuidade e estabilidade”.

Mourthé (1998), diz que há seis categorias de mobiliários urbanos. São elas:

- Elementos decorativos (esculturas);
- Mobiliário de serviço (telefones públicos, lixeiras, banheiros públicos, abrigos de ônibus, protetores de árvores);
- Mobiliário de lazer (bancos de praça, mesas de jogos);
- Mobiliário de comercialização (quiosques, bancas de jornal e revistas, bares em áreas públicas);
- Mobiliário de sinalização (placas informativas, de trânsito);
- Mobiliário de publicidade (*outdoors*).

Ainda sobre o mobiliário urbano, Mourthé afirma que este deve fundamentalmente estar em integração harmoniosa com o espaço urbano onde está inserido, assim como deve atender às necessidades da população que dele faz uso (figura 4). Na Praça do Operário é possível encontrar mobiliário decorativo, de lazer (figura 5) e comercialização informal (figura 6).

Figura 5: Elementos decorativos. Praça Batista Campos, Belém Pará. A, B, C e D – Elementos decorativos. E – Mobiliário de serviço. F – Mobiliário de lazer. G e H – Mobiliário de comercialização.



Fonte: Autor, 2019.

Figura 6: Mobiliário decorativo (Monumento do Operário), de lazer (bancos) e comercialização informal (barraquinhas). Praça do Operário. Belém – PA.



Fonte: Autor, 2019.

Figura 7: Comercialização informal (carrinhos) na Praça do Operário. Belém – PA.



Fonte: Autor, 2019.

Bauman (2009), fala sobre essa problemática que assola as cidades atuais, o medo constante que, segundo o autor, gera as paranoias de vigilância e a arquitetura do medo, nas quais quanto maiores os muros que isolam contra o que há fora e quanto mais câmeras de vigilâncias, “melhor”. A sociedade moderna, que prega a sobrevivência individual, foi construída sobre a lógica de que o perigo está em todo lugar e em todas as pessoas. Enquanto as comunidades antigas prevalecia a fraternidade, união e o bem coletivo como fator principal, na sociedade moderna não se pode confiar no próximo, ou não se sabe como. A ação de desconfiar das pessoas e o medo do mal que podem causar contra a integridade física ou a posse de bens pessoais, se banalizou tanto que é tido como algo normal na sociedade atual.

Assim, os espaços públicos muitas vezes são tidos como pouco valiosos, de vandalismo ou lugar de “desocupados” e “vagabundos”, o que denota um pré-julgamento negativo sobre os mesmos. Por vezes os descuidos do poder público com os mesmos, favorece o abandono e a falta de segurança, por sua vez, reforça e incentiva essa visão pela população.

Para Grinover (2007, p.160),

Os espaços públicos são os lugares privilegiados para a vida cotidiana, para a sociabilidade, a civilidade, a ordem pública, a cidadania e a hospitalidade urbana. São os espaços públicos que dão a qualquer conglomerado urbano a possibilidade de várias experiências espaciais, em terras de vivências humanas e de prazer estético; onde se possibilitam e se exercitam a escolha, a liberdade e a hospitalidade.
(GRINOVER, 2007, P. 160)

Grinover pontua o quão importante e necessário é um espaço público para a vida do cidadão urbano, pois é no espaço público que a vida acontece, como a interação pessoal com o coletivo, o conhecer e passear, o viver de forma prazerosa. Uma área verde é a possibilidade, mesmo que momentânea, de fugir dos problemas urbanos (Figura 7). A cidade é um corpo em movimento que cresce em dimensões e em população. A rotina na grande capital é mecânica, quase robótica. Com essa intensa vida cotidiana é mais frequente a ocorrência de doenças associadas ao estresse, fadiga e exaustão. A solução para este quadro são atividades de lazer e/ou contato com a natureza que, além de proporcionar sensação de bem estar, auxilia na melhor qualidade de vida do homem.

Figura 8: Praça do Operário em meio à movimentação da cidade.



Fonte: Autor, 2019.

Camargo (2005, p. 52) faz a definição da hospitalidade como algo próprio e inerente do ser humano capaz de exercer tal característica em qualquer lugar que esteja em convivência com outras pessoas, seja em um espaço familiar, doméstico, público e até mesmo na área profissional que também consiste no convívio de diversas pessoas. Esse agir busca aproximar um indivíduo ou um grupo de indivíduos quando estes se encontram fora de um contexto, ou recém-chegados. Sem a recepção e acolhida, o indivíduo permanece deslocado.

Doravante, essa ação de receber pode ser percebida em um espaço público como uma praça que oferece essa sensação de ser bem querido confortável ou recepcionado. Por outro lado, quando esse sentimento não é percebido, dificilmente a pessoas desejará permanecer ou levar entes queridos para desfrutar do espaço por conta da sensação negativa. É a hospitalidade que acontece, em decorrência do direito de cada cidadão de ir-e-vir e, em consequência, de ser atendido e contemplado em suas expectativas íntimas da interação humana que acontece direta ou indiretamente, pode ser entendida tanto no campo do cotidiano, da vida urbana, que privilegia aqueles que residem, como no turismo e nas dimensões políticas mais amplas (CAMARGO, 2005, P. 52)

2.3 A PERCEPÇÃO

Um espaço público é muito importante para a vida da cidade e dos moradores/consumidores que dele fazem uso. É no processo histórico da cidade que as populações locais estabelecem e criam sua identidade social e cultural. A função fundamental do espaço público é garantir o lazer e sociabilidade entre as pessoas dos mais variados grupos existentes na sociedade. Os parques urbanos são vitais no tratamento da saúde física e mental; o corpo e a mente. Os ambientes serão mais agradáveis se conseguirem atender às expectativas dos distintos utilizadores, sejam eles [espaços] individuais ou de uso coletivo. Apesar dos parques e praças com ambientes sonoros especiais estarem a disposição na cidade, muitos visitam mais vezes os consultórios médicos, farmácias e hospitais. Insistimos em valorizar a doença em detrimento do equilíbrio, saúde e qualidade de vida (LOBO, 2019).

Para Mendes (2006, p. 17), a paisagem urbana pode ser definida como a percepção individual, espacial e temporal da composição de todos os seus elementos fixos (edificações, árvores, pavimentações, ruas), semifixos (anúncios, comércio ambulante) e móveis (automóveis, pessoas). Ainda para o autor, a paisagem urbana e seus elementos físicos/semifísicos e o indivíduo, estão intimamente ligados. É de acordo com o que cada pessoa percebe que a paisagem urbana se define.

Castello (2007) fala que existem muito mais entre a relação que abrange um indivíduo com o espaço do que, apenas, correspondência física: é mais profundo que isso. “As pessoas se sentem melhor em certos espaços”; e não é por acaso, existe um componente psicológico. Existe um processo de valoração do espaço que é baseado na percepção que as pessoas têm sobre o mesmo, a qual pode ser positiva ou negativa de acordo com juízo de valor atribuído. Sobre o espaço, Castello afirma: “[...] suas qualificações habilitam-no a serem percebidos como um lugar, delimitado dentro do espaço maior que constitui o todo da cidade. Isto é: permitem distinguir um lugar de um espaço”.

São os estímulos ambientais que contribuem com bases para a percepção ambiental podendo ser oriundos da natureza ou subjetivos. Castello diz que o lugar pode acontecer por meio de uma narrativa e pela fama. Por uma narrativa entende-se como os comentários sobre a experiência de ter frequentado. O discurso a seguir demonstra a experiência de um frequentador acerca da Praça Batista Campos, em Belém: “Para mim, é a melhor praça de Belém. Bem movimentada, segura, belíssima e grande. Um espaço muito bom pra diversos públicos. Conta ainda com grande quantidade de quiosques onde se vendem água de coco e outras coisas” (VIEIRA, 2019). Por meio da fama agregam-se várias narrativas, o que acaba por trazer

notoriedade a um espaço de uma cidade, como visto na seguinte fala sobre a Praça do Operário, em Belém: “É horrível, lamentável. Todo dia é isso. Por causa desse cheiro a praça não é usada para o lazer, as pessoas não gostam de ficar paradas aqui” (SANTOS, 2017).

Quando se trata do espaço percebido, refere-se aquilo que é aspecto perceptível ao homem, assim, assimilado e compreendido por meio dos sentidos aos quais o mesmo é dotado. Desta forma, firma-se a constituição de um componente que integra toda prática social. Esta dimensão de percepção compreende muito além do que apenas o apresentado por um ou outro sentido, e sim, pelos 5 sentidos: a visão, a audição, o olfato, o tato e o paladar. Trata-se diretamente da materialidade dos elementos que, de acordo com sua função, constituem o espaço (Schmid, 2012).

Sobre a vegetação Mascaro (2005) diz: A arborização deve ser feita, sempre que possível, para amenizar os aspectos negativos do entorno urbano, transformando os lugares hostis em bastante hospitaleiros para os usuários. Geralmente no ambiente urbano as plantas estão submetidas a condições bastante adversas ao seu crescimento e vida. Entretanto, com alguns cuidados tomados, desde a escolha adequada para o plantio e manutenção se conseguirá com facilidade cumprir as funções que lhes foram destinadas. Ou seja, a vegetação também caracteriza um fator importante na percepção de um frequentador.

METODOLOGIA

**LOCAL DE PESQUISA
DESENHO DE ESTUDO E COLETA DE DADOS
APÊNDICE**



METODOLOGIA

3.1 LOCAL DE PESQUISA

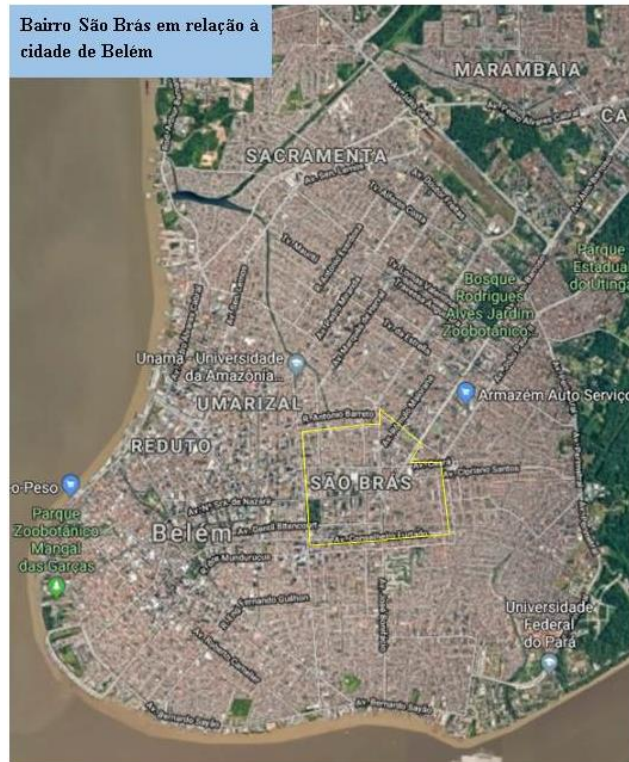
A partir de 1850, a cidade de Belém entra em uma nova fase de desenvolvimento econômico: o ciclo da borracha. Foi uma era do luxo e da modernização, em que a cidade tornou-se mundialmente conhecida por seu produto notável, a borracha e ocorreu diversas transformações urbanas da capital do Pará. (Gillet, Karol, p 35). O período é o da *Belle époque*, momento de mudanças positivas no cenário urbano paraense. Em 1884 foi criada a Estrada de Ferro Belém-Bragança, o primeiro marco importante do bairro de São Brás. Essa obra favoreceu a mobilidade urbana e fomentou a economia, já que seu papel socioeconômico facilitava o escoamento da produção agrícola. Essa Estrada possuía mais de 220 quilômetros de trilho que dividiam-se em 46 localidades, em 38 estações e 8 ramais.

Outro marco importante desse bairro é o Mercado de São Brás, localizado na Praça Floriano Peixoto e, em uma das principais vias de Belém, a Almirante Barroso. Inaugurado, em 1911, com arquitetura nos moldes europeus, como avalia Pantoja (2004): “A concepção arquitetônica deste anexo assimilou os princípios arquitetônicos dos mercados cobertos do século XIX, com suas normas de organização espacial interna e higiene similares àquelas da edificação principal, associados aos valores inerentes do classicismo: a nobreza, a tradição, o conservadorismo e o sentido de continuidade que se expressam nas antigas formas”.

O bairro de São Brás (Figura 8) é circundado por outros bairros com características peculiares, que diferem entre si na importância socioeconômica e cultural para a sociedade belenense, são os bairros: Fátima, Marco, Canudos, Guamá, Cremação e Nazaré (Figura 9). O bairro de Fátima é localizado no centro-sul, possuindo boa infraestrutura e transporte público de qualidade. O do Marco, desde 1960 é um dos bairros mais populosos de Belém, localizado na zona sul-centro entre a periferia e o centro, com habitantes de classe média e classe média alta. Canudos está localizado na zona sul de Belém, é um dos menores bairros em extensão territorial, porém com fortes índices de criminalidade. O bairro do Guamá, conforme o censo IBGE (2010) é o mais populoso, banhado pelo Rio Guamá, tendo ocupação inicial desordenada de margens, rios, igarapés o que em períodos pluviais ocorre o alagamento e inundações. O bairro Cremação tem sua origem no final do século XIX, ainda no período da borracha, localizado na zona sul, com mais 50% de sua área e denominada, popularmente, por baixadas que são áreas de várzea. Por fim, o bairro de Nazaré é habitado por pessoas de maior poder

aquisitivo, concentra a melhor infraestrutura, serviços e transporte público, localizado na zona centro-sul, é a área mais valorizada de Belém.

Figura 9: Localização. Bairro de São Brás. Belém – PA.



Fonte: Adaptado de Google Earth, 2019.

Figura 10: Bairro de São Brás e bairros limítrofes Fátima, Marco, Canudos, Guamá, Cremação e Nazaré.



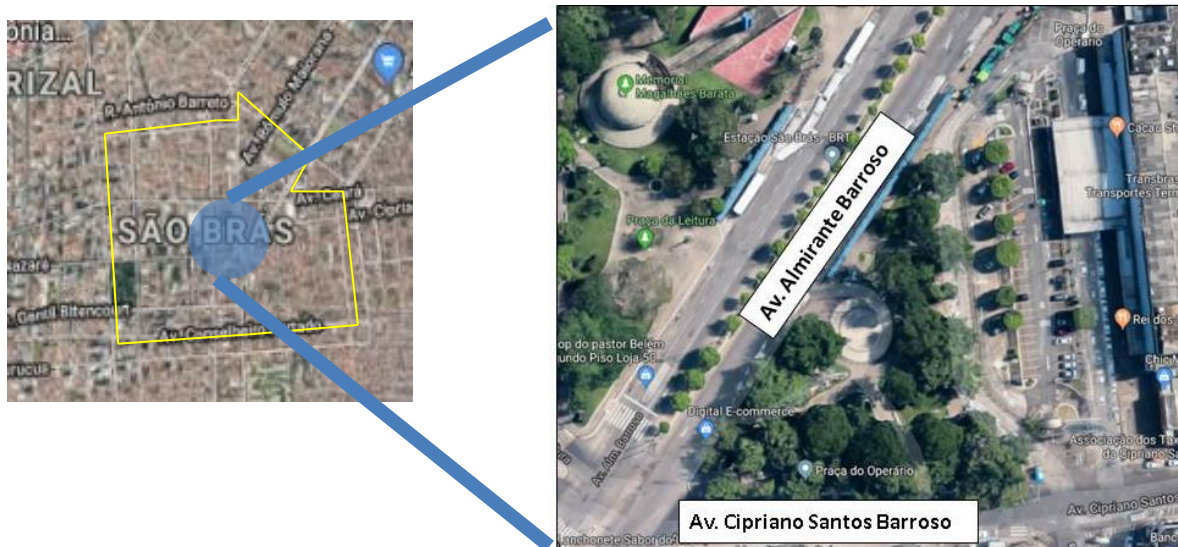
Fonte: Plano diretor, 1994.

O bairro de São Brás é movimentado diariamente, com o grande fluxo de pessoas. O bairro conta com o Terminal Rodoviário de Belém, pontos de taxistas, comércio de roupas e produtos variados, moradias, escolas públicas, banco, estabelecimentos voltados para o ramo alimentício, paradas de ônibus e uma estação do BRT entre outros.

3.1.1 A Praça do Operário

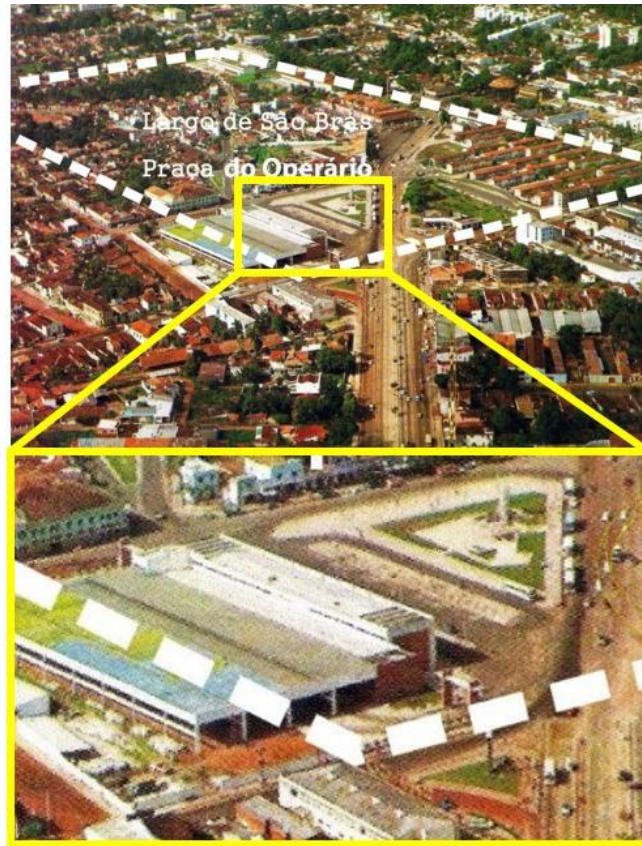
A Praça do Operário atualmente fica situada na movimentada Avenida Almirante Barroso, trecho entre Avenida Ceará e Avenida Cipriano Santos, todas vias de tráfego intenso de veículos e pedestres (Figura 11). Nasceu retalhada do imenso largo de São Brás (Figura 12); o local fazia fronteira com a extinta Estação da Ferrovia Bragantina, também situada no largo de São Brás (Figura 13), hoje é o local da rodoviária da cidade de Belém. Foi dedicada ao operário, 1º de Maio de 1932 foi o ano de fundação da Praça do Operário, foi palco de importantes manifestações desde as “Diretas”. Dela saíam todas as manifestações de protestos dos trabalhadores que reivindicavam seus direitos (ANDRADE, 2004).

Figura 11: Localização da Praça do Operário. Belém - PA.



Fonte: Adaptado de Google Earth, 2019.

Figura 12: Vista aérea de São Brás no início da década de 70.



Fonte: Blog FAU – Laboratório Virtual – ITEC/UFPA, 2015.

Figura 13: Aero fotograma do IAPI, Praça do Operário e Estação de Trem de São Brás 1955/
Praça do Operário e Terminal Rodoviário 2019.

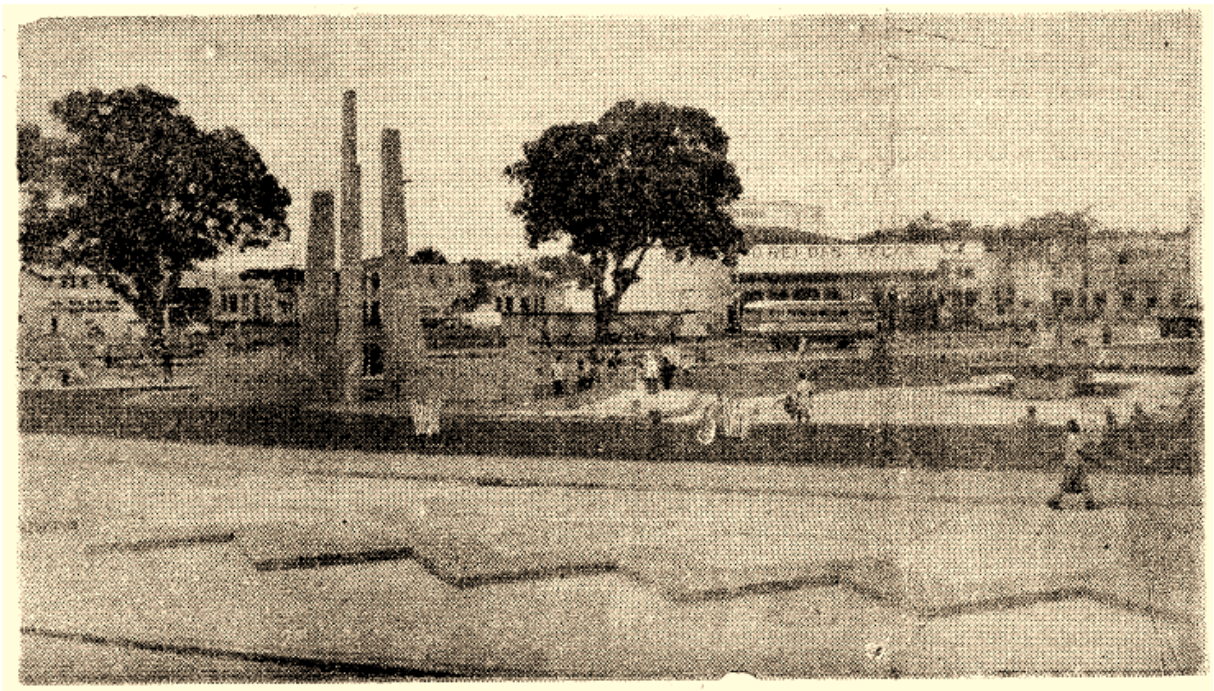


Fonte: Blog FAU – Laboratório Virtual – ITEC/UFPA, 2015.

Com o passar dos anos, montaram uma feira informal no largo do Operário que, após estudos da Secretaria de Obras e Urbanismo da Prefeitura Municipal de Belém não poderia

continuar a funcionar ali. A construção da rodoviária no bairro de São Brás era recente, a cidade de Belém recebia novos ares e a praça, localizada em frente ao terminal, deveria ser um cartão postal que recepcionava os recém chegados a capital. Assim, na década de 70, o Largo do Operário recebeu uma nova versão por conta da necessidade de reformular o uso do largo. A obra foi executada pelo engenheiro Mário Elizeo da Motta Pereira e seguia linhas modernistas com espaço fluido e sem muita vegetação. A praça possuía a característica de ser rebaixada propositalmente em comparação ao nível das ruas para criar um isolamento espacial e uma relação particular dos usuários com a praça ao mesmo passo que os afastava do contexto urbano (Figura 14).

Figura 14: Praça do Operário, 1970.



Fonte: Jornal PROVINCIA DO PARÁ, 1970.

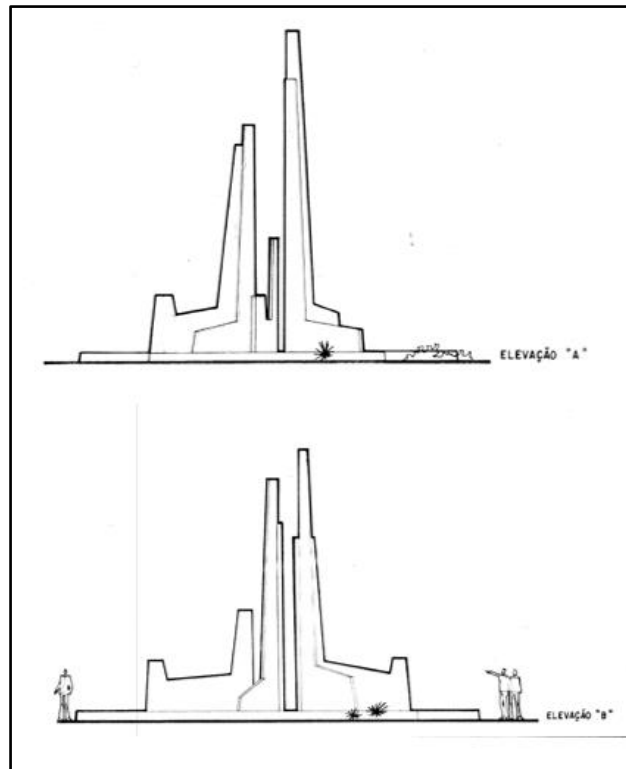
O projeto foi idealizado pelo grupo de arquitetos: Paulo de Araujo Leal Martins, Paulo Lima, Francisco Miranda e José Freire que buscavam um conceito novo. Segundo os autores, o conceito seguiu uma temática poética que motivou a concepção: “O operário em construção”, de Vinicius de Moraes.

“E o operário disse não. E o operário fez-se forte na sua revolução”

Assim, foram concebidos 3 espaços próprios responsáveis pela caracterização do funcionamento. O monumento dominaria e marcaria o espaço total do Largo (Figura 15). Um

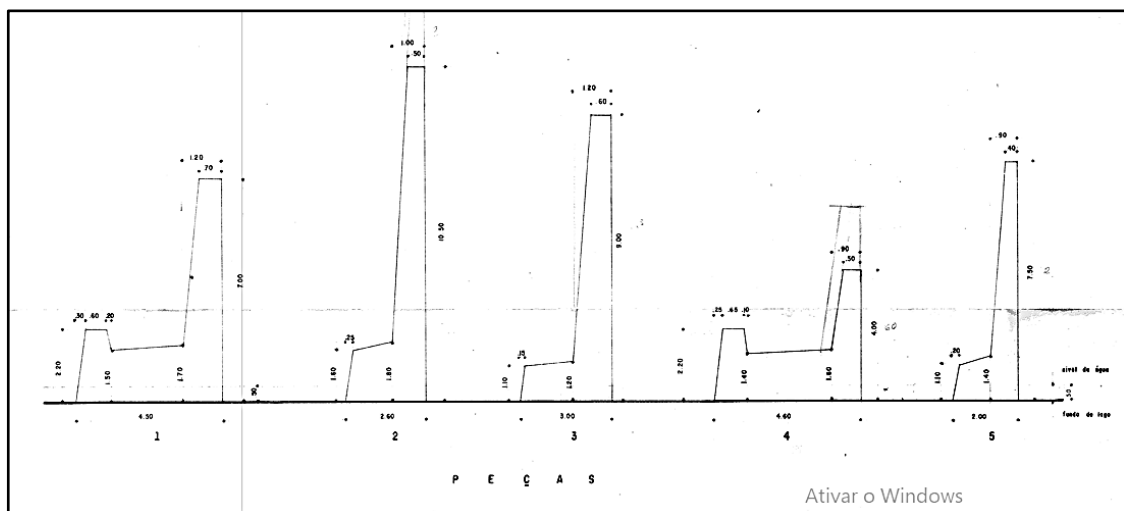
platô elevado destinado a cerimônias cívicas e por fim, um espaço de contemplação como o de toda praça. Cinco placas de concreto (Figura 16), que guardavam em si as proporções dos dedos humanos, uma vez que as mãos são o principal meio físico com que o operário trabalha. (Figura 17).

Figura 15: Elevação A e B. Projeto original.



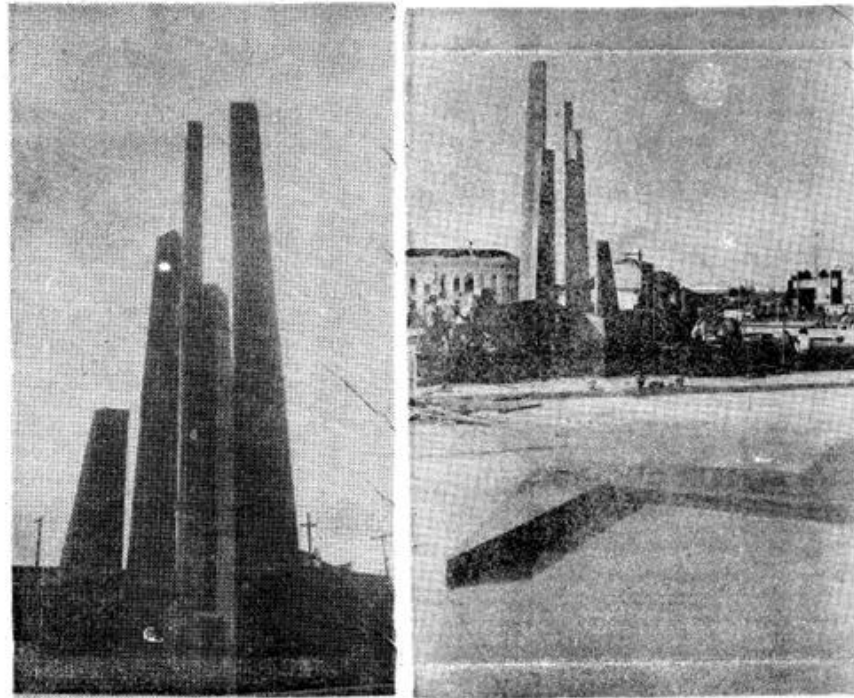
Fonte: JOSE, 1970.

Figura 16: Peças de concreto. Projeto original.



Fonte: JOSE, 1970.

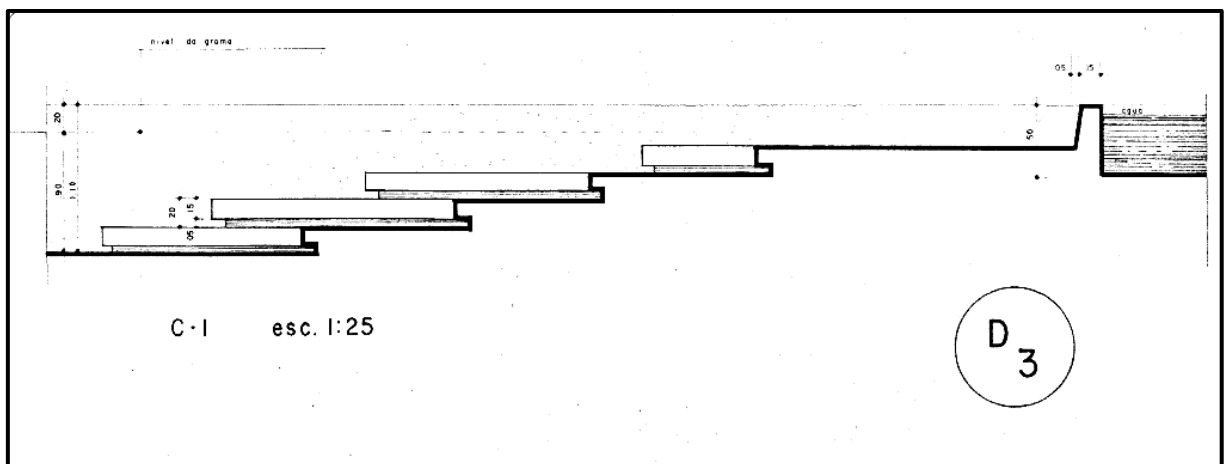
Figura 17: Monumento do Operário.



Fonte: Jornal PROVINCIA DO PARÁ, 1970.

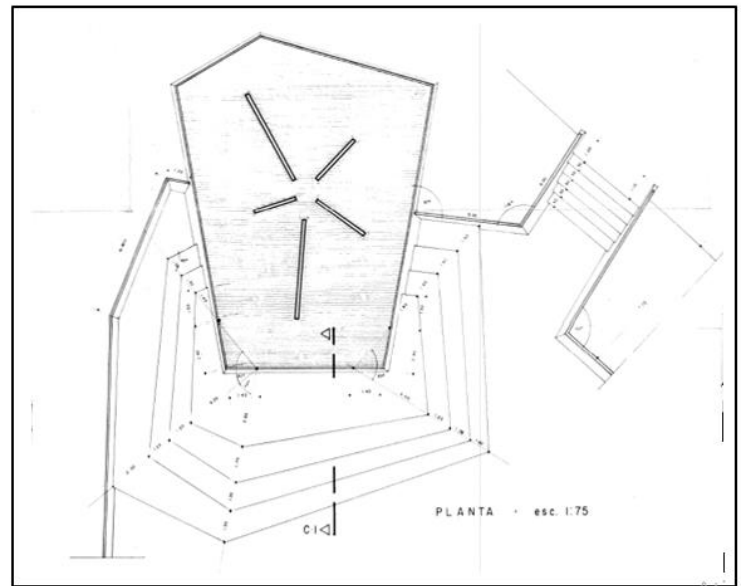
O monumento do Operário contava com 4 degraus (Figura 18) que davam um destaque ao mesmo que ficava elevado em um patamar mais alto dentro da praça (Figura 19). Em cada folha havia um refletor de luz que o iluminavam durante a noite (Figura 20).

Figura 18: Degraus do monumento em corte. Projeto Original.



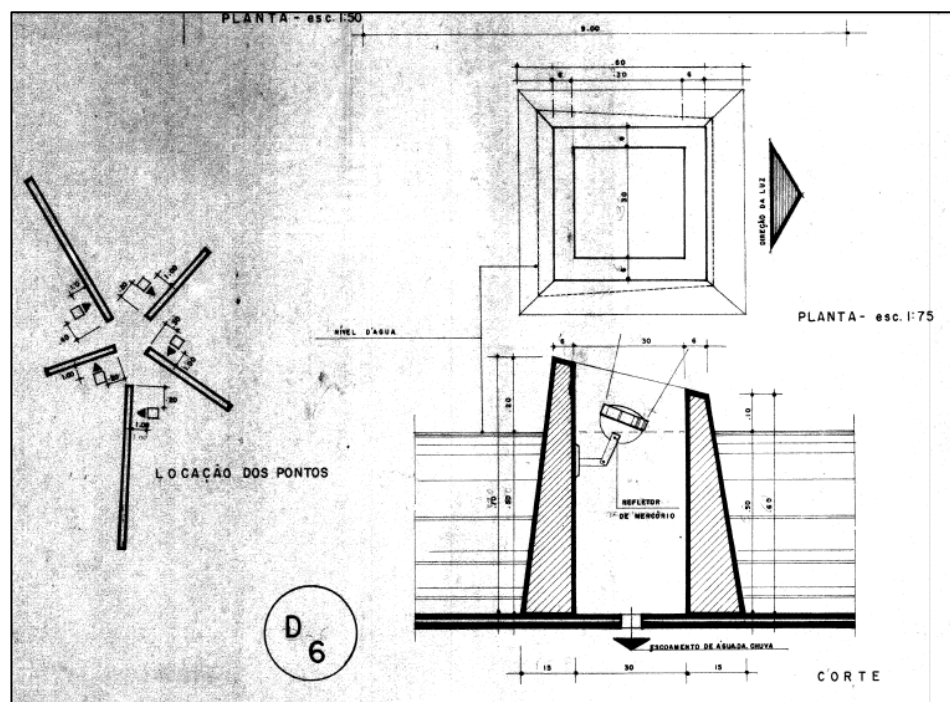
Fonte: JOSE, 1970.

Figura 19: Monumento elevado, planta baixa. Projeto Original.



Fonte: JOSE, 1970.

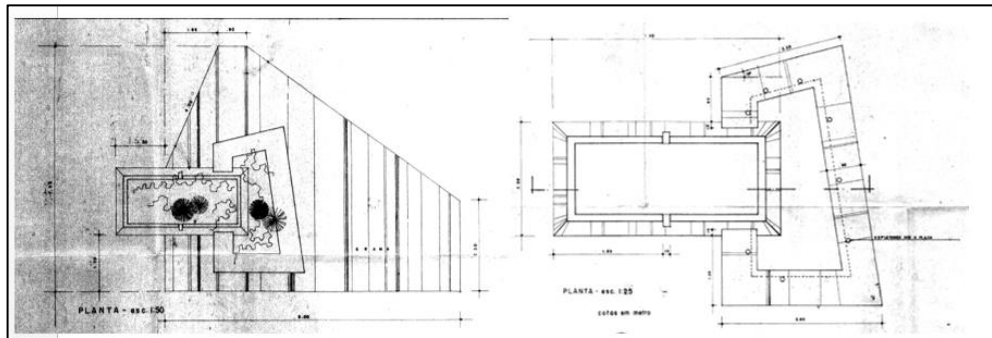
Figura 20: Posição refletores. Projeto original.



Fonte: JOSE, 1970.

A praça contava ainda com floreiras também em concreto e formas modernas (Figura 21). Em jornais de 1994 ainda é possível ver a existência das floreiras, porém sem plantas (Figura 22).

Figura 21: Detalhe floreira em planta. Projeto original.



Fonte: JOSE, 1970.

Figura 22: Recorte de jornal mostrando a Praça do Operário em 1994.



Fonte: Jornal O Liberal, 1994.

Depois de muito tempo, sem fiscalização, algumas pessoas se apropriaram inadequadamente do espaço que se tornou sinônimo de ambulantes, desabrigados e “marginais”. Segundo relatos, pessoas moravam ou conviviam agindo contra a legalidade e moralidade no centro da praça. Assim, alegando falta de acessibilidade e na busca de diminuir a criminalidade, a prefeitura elaborou uma proposta de aterrar a Praça do Operário de 1970. Foi executada o aterramento nos anos 1999/2000 pela prefeitura e junto foi uma parte histórica da

cidade de Belém. Muitas pessoas hoje não sabem o que significa o monumento da praça, nem mesmo o motivo da praça ser titulada “do Operário”.

3.2 DESENHO DE ESTUDO E COLETA DE DADOS

Metodologicamente o estudo que fundamentou e ao qual se firmou este trabalho, fundamentou como um estudo de caso que, de acordo com Gil (2008, p.58), pois possui como característica principal justamente o enfoque dado de maneira não superficial, e sim, de forma aprofundada, intimamente atrelada a um determinado enfoque que seria o objeto da pesquisa. Assim, e só assim, torna-se possível a perfeita compreensão do caso estudado.

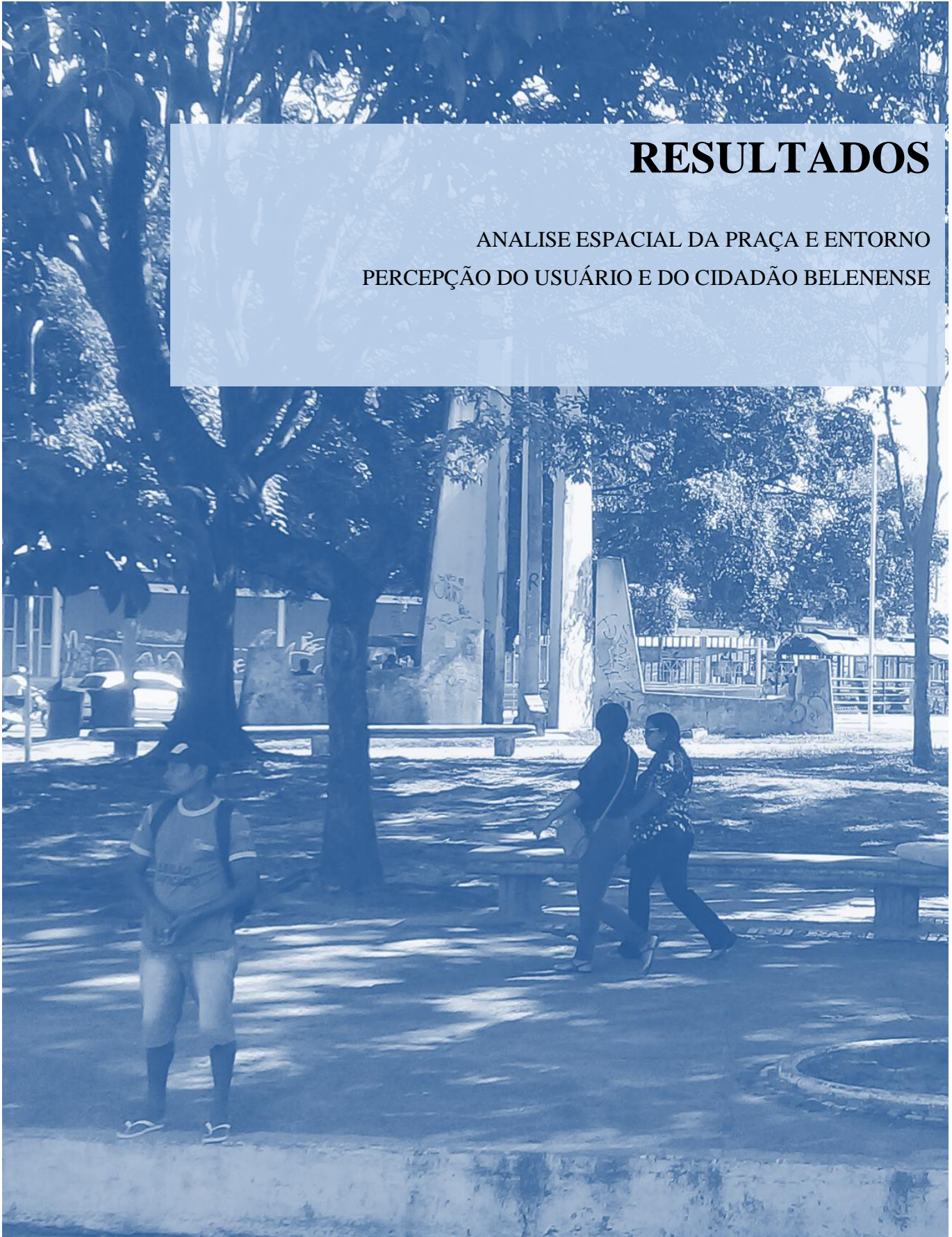
A escolha desse tipo de estudo para alcançar os objetivos deste trabalho leva, fundamentalmente, em consideração a necessidade principal de acompanhar com certa proximidade a realidade diária de uma área pública, dando maior ênfase na observação e entrevistas feitas diretamente com pessoas que convivem de certa forma e interagem com este espaço, no caso, a Praça do Operário.

Foram aplicados 50 questionários aos usuários presentes na praça para saber suas opiniões acerca da Praça do Operário como frequentadores ou como conviventes com o espaço assim foram coletadas suas percepções e opiniões sobre o espaço construído enquanto possibilidade de lazer. Os outros 50 questionários foram aplicados a pessoas da cidade que não frequentem necessariamente a praça, para saber a opinião de uma forma geral do cidadão belenense. Para tanto, o questionário foi feito aleatório a pessoas do bairro de São Brás, do bairro do Marco e alunos da Universidade Federal do Pará.

Os questionários abordaram o motivo de estar na praça, se o entrevistado achava a praça agradável, conservada e se levaria pessoas para frequentar o espaço; basicamente, se é um bom lugar para lazer ou descanso. Depois foi entrevistado o arquiteto José Freire, que foi um dos contribuintes para a construção do projeto original da praça de 1932. Na entrevista, foi perguntado sobre o projeto original, plantas e detalhes e como foi o processo de aterro feito na mesma pela prefeitura nos anos 1999/2000. Foi questionado ainda se o arquiteto mudaria algo no projeto original para os dias de hoje e se foi feito um levantamento prévio, à época do projeto, da vizinhança ou dos impactos que a construção da praça causaria ao bairro. Por fim, foi realizada pesquisa em recortes de jornais da Biblioteca Pública Artur Viana, em Belém – Pará, por esta abrigar jornais da época de construção da Praça.

RESULTADOS

ANALISE ESPACIAL DA PRAÇA E ENTORNO
PERCEPÇÃO DO USUÁRIO E DO CIDADÃO BELENENSE



4 RESULTADOS

4.1 ANALISE ESPACIAL DA PRAÇA E ENTORNO.

No entorno do terminal rodoviário, próximo à praça, existem barracas as quais diariamente pedestres trabalhadores e/ou viajantes que rumam para o terminal, param para fazer a primeira refeição do dia ou apenas lanchar. Até esse local, ainda é possível perceber pessoas relaxadas e com sensação de segurança a ponto de permanecerem por mais tempo (Figura 23).

Figura 23: Barracas de café próximo ao terminal rodoviário, Belém – PA.



Fonte: Autor, 2019.

Muitas pessoas passam diariamente na esquina da praça e este talvez seja o ponto de maior movimento. A travessia em segurança é o que atrai as pessoas. Assim, aglomeram-se enquanto aguardam o sinal do semáforo confirmar a preferência para pedestres. O espaço é dividido com vendedores informais de frutas e de título de capitalização e estes se dirigem diariamente para este local específico justamente por ser onde ocorre a maior permanência de pessoas; ainda que permaneçam apenas o tempo necessário para o sinal abrir (Figura 24). Diariamente e em todos os horários, há um grande fluxo de veículos nos dois sentidos que circundam a praça, assomado com o fluxo de pedestres torna-se arriscada a travessia. É um

trecho intenso que exige atenção e gera grande tensão ao ambiente. A praça se assemelha a uma ilha, isolada e destoada do contexto urbano (Figura 25).

Figura 24: A – Esquina da Praça do Operário com pessoas e carrinhos. B – Carrinho de fruta na mesma esquina da Praça.



Fonte: Autor, 2019.

Figura 25: Fluxo intenso de carros e pessoas e esquina da Praça do Operário entre Almirante Barroso e Cipriano.



Fonte: Autor, 2019.

Do outro lado da rua funciona comércio de oferta de bens e serviços com lojas, barbearia, farmácia, etc. A fachada das lojas funciona como ponto de ônibus cuja quantidade de pessoas é enorme. Diariamente e em muitos horários do dia, é possível observar pessoas que

esperam sua condução (Figura 26). Uma das três faces da praça, entre avenida Ceara e avenida Cipriano, é isolada pelo estacionamento localizado em frente ao terminal rodoviário (Figura 27), onde se localizam os taxistas e seus carros, que restringe um possível acesso do Terminal Rodoviário para a praça.

Figura 26: Fachada das lojas que funciona como ponto de ônibus.



Fonte: Autor, 2019.

Figura 27: Estacionamento localizado em frente ao terminal rodoviário.



Fonte: Autor, 2019.

O paisagismo atual consiste, basicamente, em espaços com grama e árvores além dos bancos, podia ser mais interessante, mais bem elaborada. Muitas pessoas preferem sentar de costas para a praça e ficar de frente para as ruas o que demonstra pouca atratividade que

prenda a atenção das pessoas e oferece pouco lazer além de sombra e lugar para se sentar (Figura 28). Por mais que não esteja sujo, somente o verde da grama e da copa das árvores não são atrativos o suficiente para que a praça receba elogios como agradável e/ou bonito (Figura 29).

Figura 28: Pessoas sentadas nos bancos voltadas para fora da praça.



Fonte: Autor, 2019.

Figura 29: Espaços com grama e árvores além dos bancos.



Fonte: Autor, 2019.

Diariamente carros de polícia têm ido a praça zelar pela segurança das pessoas, isso torna o lugar menos perigoso e mais sociável, porém, não diminui a sensação de insegurança.

Os carros ficam, indevidamente, posicionados no meio da praça, local que teoricamente é dos pedestres. Somente com a presença da viatura de polícia, algumas pessoas se sentem mais confiantes de permanecerem paradas no centro da praça conversando ou não (Figura 30). O Monumento do Operário (Figura 31), é um dos maiores motivos de reclamação dos entrevistados, pois está vandalizado e, muitas vezes, é usado por homens como banheiro a céu aberto o que acarreta em mal odor.

Figura 30: A - Viaturas de polícia patrulhando a segurança. B – Viatura no meio da praça. C – Pessoas conversando no meio da praça enquanto carro de polícia patrulha a segurança.



Fonte: Autor, 2019.

Figura 31: Monumento do Operário na Praça do Operário.



Fonte: Autor, 2019.

4.2 PERCEPÇÃO DO USUÁRIO E DO CIDADÃO BELENENSE

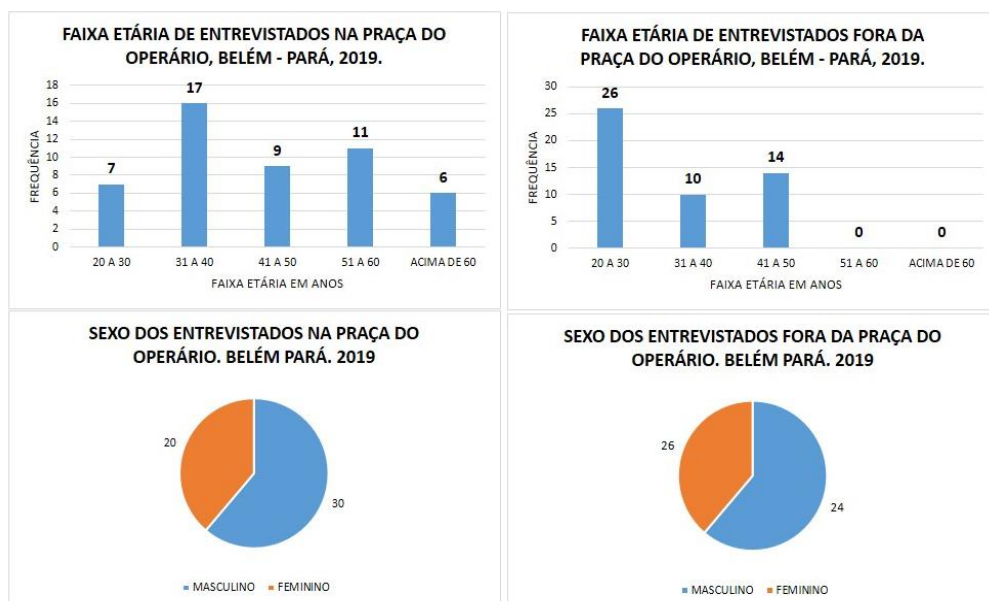
As entrevistas com pessoas na Praça do Operário foram feitas em três pontos específicos: nos bancos, na parada de ônibus e com pessoas que estavam esperando ônibus fora da parada, afastadas (Figura 32). A maior parte dos entrevistados na praça é do sexo masculino enquanto as entrevistas realizadas fora da praça mostraram uma variedade maior. Quanto as idades dos entrevistados, na praça observou-se uma frequência maior de pessoas mais velhas e poucos jovens entre os 20 e 30 anos de idade (Figura 33).

Figura 32: Locais das entrevistas. A - Bancos na praça. B - Ponto de ônibus. C - Fora do ponto de ônibus.



Fonte: Autor, 2019.

Figura 3330: Percentual de gênero dos entrevistados e faixas etárias.



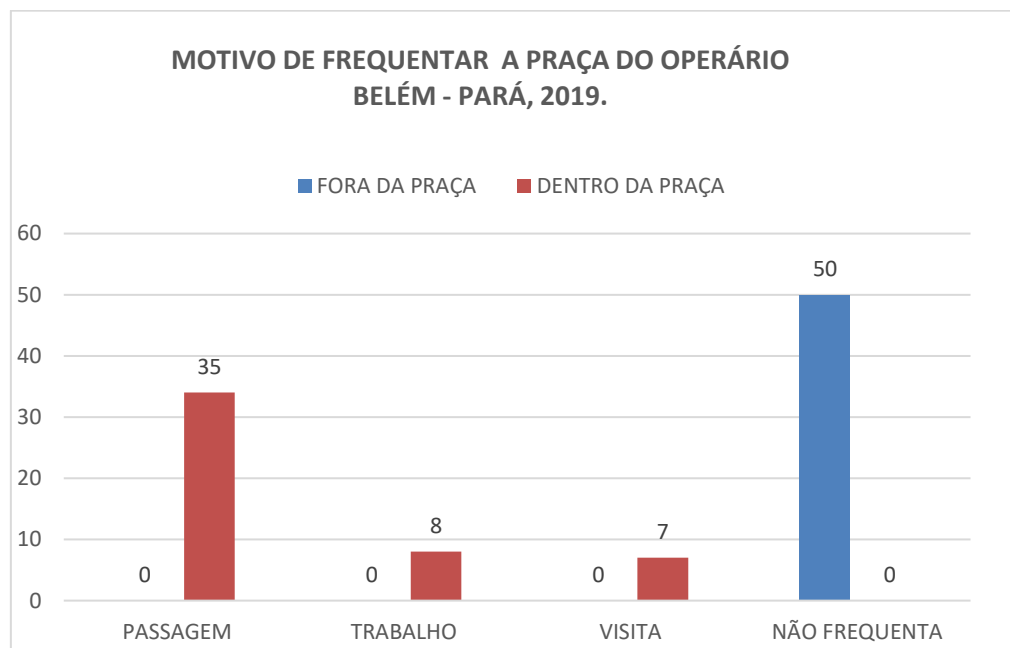
Fonte: Autor, 2019.

Quanto ao motivo de estar no local, 35 pessoas, responderam que era apenas passagem, 8 pessoas estavam a trabalho e somente 7 de visita (Figura 34). A maior parte dos entrevistados

não estava na praça por opção e sim por ser caminho para o destino ou, no caso daqueles que esperam transporte público, um momento de breve estadia. Somente uma parte pequena assume que consideraria levar alguém para passear na praça. Os demais foram unânimes em afirmar não levar alguém para a praça por não considerarem uma boa opção de lazer ou por morarem muito distante.

Os cidadãos belenenses entrevistados fora do ambiente da praça, afirmaram não frequentarem a área da praça por não terem um motivo que os fizessem ir ao local. Além disso, afirmaram que a cidade possui outras opções mais atrativas de lazer. Isso demonstra que a praça é um local predominantemente de passagem e seus usuários na maioria são transeuntes que destinam outro lugar. Dificilmente a Praça do Operário é encarada como local de lazer. Mesmo os entrevistados que são obrigados a passar ou estar no espaço diariamente, afirmam que, se não tivesse necessidade, evitariam o contato.

Figura 34: Motivo do entrevistado estar/frequentar a Praça do Operário.

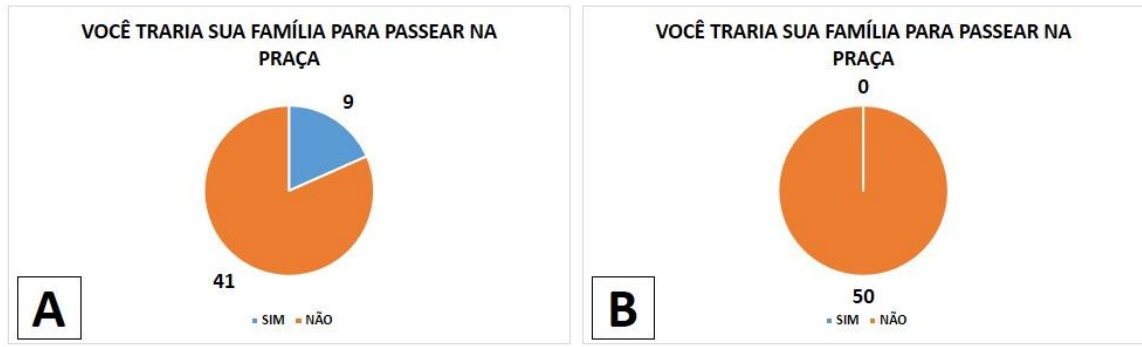


Fonte: Autor, 2019.

Sobre a pergunta de levar a família para passear na praça, o primeiro público entrevistado, 41 afirmou que não enquanto 9 pessoas disseram que sim (Figura 35). Com frequência foi alegado, como motivos de evitar passar muito tempo no espaço ou mesmo levar a família para passear na praça, a insegurança e o medo de roubo. Foi demonstrado quase que majoritariamente uma percepção desfavorável ao espaço, não sendo identificado o potencial da praça em servir como um lugar público de excelência à convivência social. O segundo público

foi unanime em afirmar que não se sente motivado a levar a família para passear na praça, preferindo outros lugares mais agradáveis e chamativos.

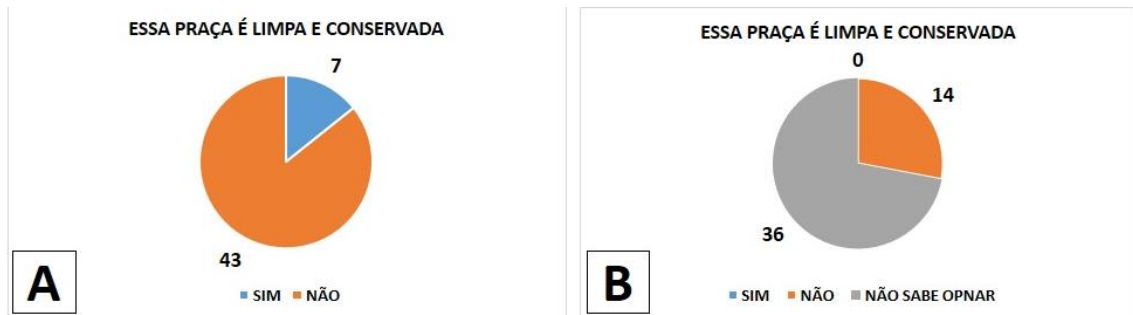
Figura 35: Resultados sobre o entrevistado levar a família para a Praça do Operário. A – pessoas na praça. B – entrevistados que não frequentam a praça.



Fonte: Autor, 2019.

Por conta das pichações e mal cheiro da praça, muitos foram levados a considerar que não era um local limpo e conservado, ainda que não estivesse com grande quantidade de lixo visível ou perceptível. 43 entrevistados das primeiras entrevistas disseram não achar a praça limpa e conservada. Em contra partida, as pessoas que ignoraram o mal odor e as pichações, foram sensíveis para ver além dessas características afirmaram achar o lugar agradável de ficar/estar. 36 dos entrevistados no segundo grupo, constituído pela maior parte de jovens de todos os entrevistados, não souberam opinar por não frequentarem o espaço da praça enquanto que 14 entrevistados responderam não (Figura 36). Sobre achar o lugar agradável ou não, o primeiro grupo 47 responderam não enquanto 7 entrevistados responderam sim. No segundo grupo de entrevistados, 14 pessoas responderam não, 0 pessoas responderam sim e 36 não souberam responder (Figura 37).

Figura 36: Resultado sobre o entrevistado achar a Praça do Operário limpa e conservada. A – pessoas na praça. B – entrevistados que não frequentam a praça.



Fonte: Autor, 2019.

Figura 37: Lugar agradável de ficar/ estar. A – pessoas na praça. B – entrevistados que não frequentam a praça.



Fonte: Autor, 2019.

5.4. Impressão como observador

Acústica e microclima

No quesito acústico, existe o som do trânsito de forma mediana. Internamente, tem o cantar de pássaros que realizam revoada diariamente ao amanhecer e ao fim de cada dia. É bastante ventilado e as copas das árvores proporcionam sombras que protegem dos raios solares. O grande vazio no meio da praça incomoda. O monumento não está centralizado e dele emana fortes odores desagradáveis além de estar vandalizado com pichações.

Existem vendas distantes da praça. Barracas informais nas quais é ofertado café da manhã e frequentadas diariamente por trabalhadores e viajantes recém chegados a cidade que param e fazem o desjejum. No centro da praça não há qualquer atividade física. Existe vendas de lanches

em carrinhos informais, mas nunca no centro da praça. Também não há nada voltado para crianças, sequer vemos um público mais jovem no lugar. Tirando os bancos, não há nada dentro da praça que prenda a atenção ou induza interação com o espaço. É comum pessoas sentarem de costas para a praça, de frente para a rua, como se o trânsito fosse mais chamativo.

Acesso difícil e caminhos confusos.

Os acessos até chegar a praça são complicados, uma vez que a mesma se encontra totalmente isolada espacialmente. Não há moradores que se disponham a sair de suas casas para ir até a praça. Entre um estacionamento dos taxistas de um lado e duas avenidas movimentadas pelo tráfego intenso de veículos nos outros 2 lados, torna-se desinteressante e estressante o esforço de ir até ela. Desse modo é possível afirmar que as pessoas que se encontram ou na praça ou nos arredores, na grande maioria é formada por pessoas que esperam condução. O espaço na praça é muito aberto como se para passagem de muitas pessoas ao mesmo tempo. Como não acontece, a impressão de vazio é o gatilho mental para perigo.

Falta de centralidade

A primeira intenção de quem chega, naturalmente, é entender o espaço. Os caminhos devem indicar uma direção a seguir e; e a vegetação, posição de árvores e canteiros, deve reforçar esta identificação de percurso. Tudo deve instigar o caminhante a se locomover em um sentido, até um ponto de referência central. É o que se espera. Porém, no caso, esta sensação de centralidade não existe. Os caminhos são confusos e não ajudam na intensificação de trajetórias, assim como as árvores não parecem seguir uma ordem lógica do ponto de vista da percepção. Os bancos passam despercebidos e o todo do espaço não desperta a vontade de permanecer ali. As únicas coisas “atraentes” são:

1-Lugar para sentar

2- Abrigos contra o sol

CONCLUSÃO E ANÁLISE



5. CONCLUSÃO E ANÁLISE

Geddes (1994), quando fala sobre as cidades, em linhas gerais, chama atenção para o fato de concentrar muita atenção à momentos extremos da humanidade sem atentar devidamente pelo longo período que precederam tais acontecimentos. Em seu estudo do perfil do vale, para entender um fato da sociedade atua, antes era necessário compreender os acontecimentos desde o início que geraram a atual quadro. Se aplicado sua forma de estudo a um espaço urbano como a Praça do Operário que passa por situação contraditória ao esperado de uma área de lazer, torna-se viável elaborar uma melhor solução que otimize seu potencial enquanto área de lazer.

Depois da análise, é possível concluir que desde sua criação a Praça do Operário vem seguindo um padrão tendencioso. O primeiro é a Reforma, no qual é feito uma proposta de mudança, esse é o momento máximo no qual acontece a repaginada. A imagem muda, as pessoas gostam e o espaço torna-se agradável. Essa fase perdura por mais alguns anos até que chega ao ponto crítico da segunda fase: o abandono. A prefeitura deixa de agir seja com o controle das atividades que começam a tomar conta do espaço, ou com a questão de segurança. O espaço torna-se desagradável e a ação, ou ausência dela, é conivente para o esquecimento do espaço público. A criminalidade, o vandalismo e a depredação se concentram na praça, afastando as pessoas e impossibilitando o uso de lazer. As pessoas se afastam ainda mais e a situação só se agrava.

Assim, o padrão alterna de tempo em tempo sempre passando longo período na estagnação, hora do apogeu, hora do abandono de tal forma que a má fama da praça foi construída de longa data. Hoje, ainda que conte com policiamento, o local já é marcado nas lembranças e vivências do cidadão belenense como um lugar marginalizado onde ocorre muitas coisas erradas, desde furtos e usuários de drogas no passado a banheiro a céu aberto na atualidade. Os relatos são semelhantes, é falado sobre o medo, insegurança e sobre o não se sentir bem na praça.

Para otimizar um espaço vandalizado e mal querido pela população da cidade exige muito esforço e propostas oriundas de muito estudo. Um simples projeto paisagístico ou uma repaginada a praça não é eficiente o bastante. Não soluciona o problema permanentemente, apenas momentaneamente para logo mais à frente, voltar ao estado deplorável de outrora. A imagem negativa da praça foi construída ao longo de muitos anos, mudar a forma como o espaço é percebido não vai acontecer de um momento para o outro. Tanto a praça como qualquer outro

espaço público que passe pela mesma situação, necessita de formas que possibilitem construção de nova memória do cidadão de Belém.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse trabalho foram feitas pesquisas de autores e conceitos para compreender sobre praças, entrevistas com usuários e com arquiteto do projeto original de 1970; que seguia linhas modernas de estilo e materiais; ao mesmo passo que foram realizadas comparações da Praça do Operário atual, oriunda de obras de intervenção realizadas pela prefeitura nos anos 1999/2000, com outras praças de Belém. Identificou-se a compreensão do motivo gerador do juízo de valor negativo por parte do cidadão belenense acerca da Praça do Operário, tanto por parte das pessoas que convivem diariamente, quanto por pessoas que não o fazem.

A Praça do Operário, como um espaço público da cidade de Belém, nos moldes em que se encontra hoje, precisa ser otimizado por meio do uso, de uma forma eficiente para que rompa o padrão que ocorre quando é feito uma nova reforma. Nesse padrão de reforma, normalmente, é feito uma recuperação física apenas, que se mostra insuficiente para que o espaço sobreviva, permaneça conservado e seja bem quisto pela população. A percepção negativa das pessoas sobre a praça, apesar da recuperação física, continua; uma vez que essa imagem de área marginalizada foi construída por um longo período. Logo, esta maneira de perceber o ambiente não mudará de uma hora para outra somente porque as marcas do vandalismo foram cobertas com tinta, os bancos quebrados foram substituídos e a grama, assim como as copas das árvores, foram aparadas.

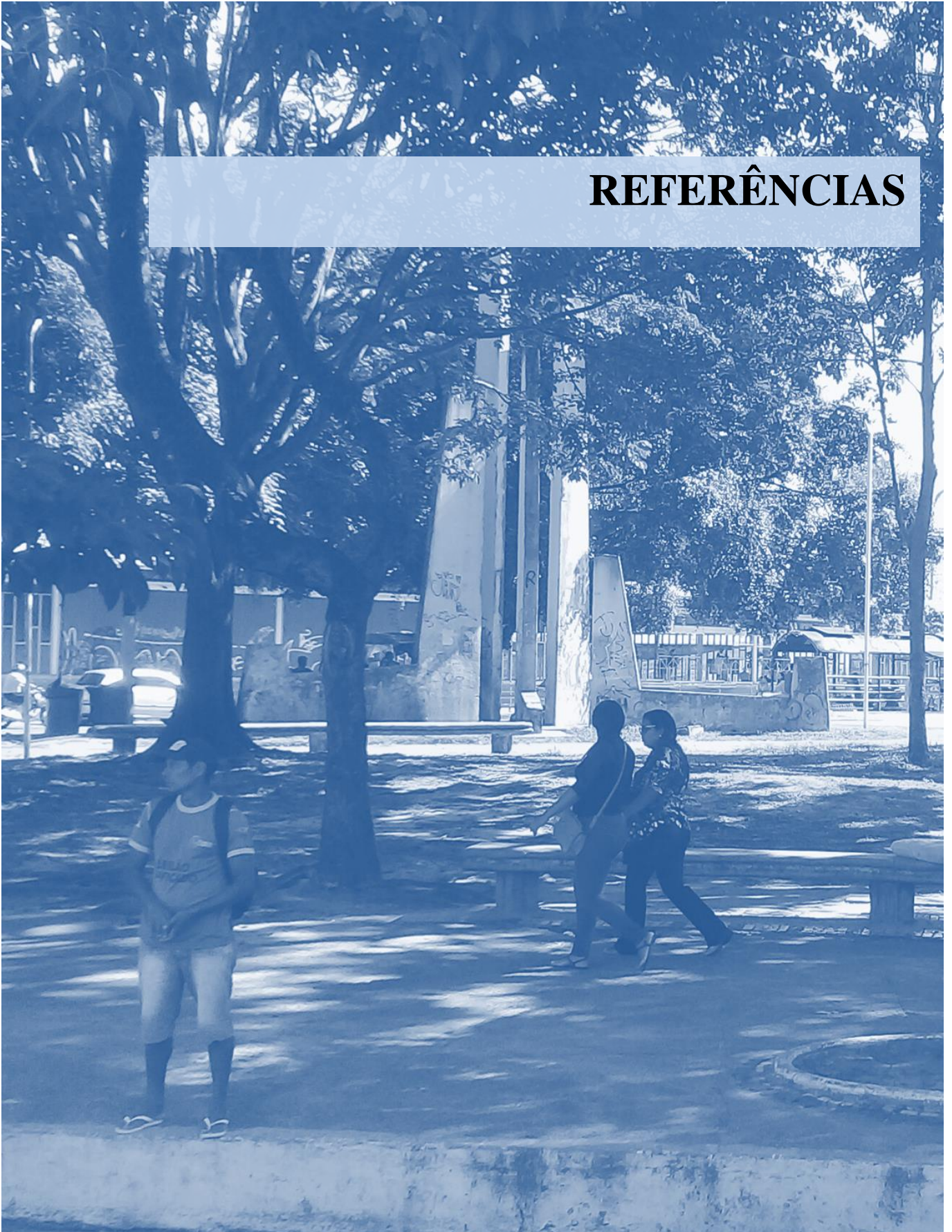
É o uso que faz com que a população aceite o lugar. É a interação homem e espaço que garante a conservação. E é o bem estar, boas lembranças e a boa percepção que faz com que o homem deseje permanecer e levar seus entes queridos, família, amigos, namorados para desfrutar do lugar. Sem isso, o espaço continua sem pessoas, o tempo passa e como a falta de interesse é uma constante, aos poucos o espaço vai deteriorando novamente; as vezes sofre abandono por parte da prefeitura e continua visto como um espaço marginalizado e que deve ser evitado a todo esforço. A verdade é nítida: por baixo da tinta fresca nada mudou.

Para quebrar o padrão de acontecimentos é preciso a elaboração de uma proposta de intervenção eficiente, para que seus efeitos sejam de longa duração e não apenas momentâneos. Acrescentar elementos que atraiam as pessoas para a Praça, seja por meio da instalação de espaços para alimentação (formalizando pessoas que já trabalham com esse ramo na praça), disposição de brinquedos para crianças, elaboração de um paisagismo que desperte os sentidos como a visão, olfato e outros são possibilidades que podem ser exploradas nessa proposta,

visando sempre o incentivo da interação do público com o espaço e recuperá-lo de fato, deixá-lo vivo e com uma boa atmosfera.

Para tanto, será necessário mais análises. Este trabalho foi um primeiro momento deste estudo, toda informação levantada foi importante para esse objetivo, compreensão e análise, mas não foi o suficiente para que essa proposta fosse elaborada. Não de forma a sanar os problemas de percepção da Praça do Operário. Para se chegar a uma proposta que consiga mudar a percepção da população sobre um espaço, é preciso mais estudos futuros, uma continuação que envolva mais áreas do conhecimento como psicologia e sociologia por exemplo.

REFERÊNCIAS



7. REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Paulo de Tarço. Belém e suas histórias de Veneza paraense a Belle Époque. 2.ed. Belém/; Kanga, 2004.
- BAUMAN, Zygmunt. Confiança e Medo na Cidade Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. **Hospitalidade**. São Paulo: Aleph, 2005.
- COELHO, Geraldo Mártires. **Na Belém da Belle époque da borracha (1890-1910): dirigindo olhares**.
- CARLOS, Antonio Lobo, entrevista. 2019.
- CASTELLO, Lineu. A Percepção de lugar: repensando o conceito de lugar em arquitetura - urbanismo. Porto Alegre: PROPAR – UFRGS, 2007.
- DE ANGELIS, Bruno Luiz Domingues et al. **Praças: História, Usos e Funções**. Editora da Universidade de Maringá - Fundamentum (15), 2005.
- HARDT, MICHAEL e ANTONIO NEGRI. Império, Editora Record. Rio de Janeiro/ São Paulo, 6ª Edição, 2004.
- MASCARÓ, Juan Luis. Loteamentos urbanos. 2. ed. Porto Alegre: Masquatro Editora, 2005.
- MOURTHÉ, Claudia. **Mobiliário urbano**. Rio de Janeiro: 2AB, 1998.
- MENDES, Camila Faccioni. **Paisagem urbana: uma mídia redescoberta**. São Paulo: SENAC, 2006.
- GIL, Antônio Carlos, **Método e técnicas de pesquisa social**. 6ed. São Paulo: Atlas S.A, 2008.
- GRINOVER, Lucio. **Hospitalidade, a cidade e o turismo**. São Paulo: Aleph, 2007.
- HOBSBAWM, Eric J. A era das revoluções: 1789-1848. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2010.
- GEDDES, Patrick. Cidades em evolução. Campinas, SP: Papirus, 1994. (Coleção Ofício de Arte e Forma)
- PANTOJA, Laura Cristina Monte Palma. **MERCADO DE SÃO BRÁS E SEU ENTORNO**. 2014, P 82
- Perroux, François. A economia do século XX. Capítulo II-O conceito de pólo de crescimento. Lisboa: Herder, 1967.

REIS FILHO, N. G. Contribuição ao estudo da evolução urbana no Brasil (1500/1720). São Paulo: EDUSP, 1968.

SEGAWA, H. Ao amor do público: jardins no Brasil. São Paulo: Studio Nobel, 1996.

SANTOS, Milton. A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1997.

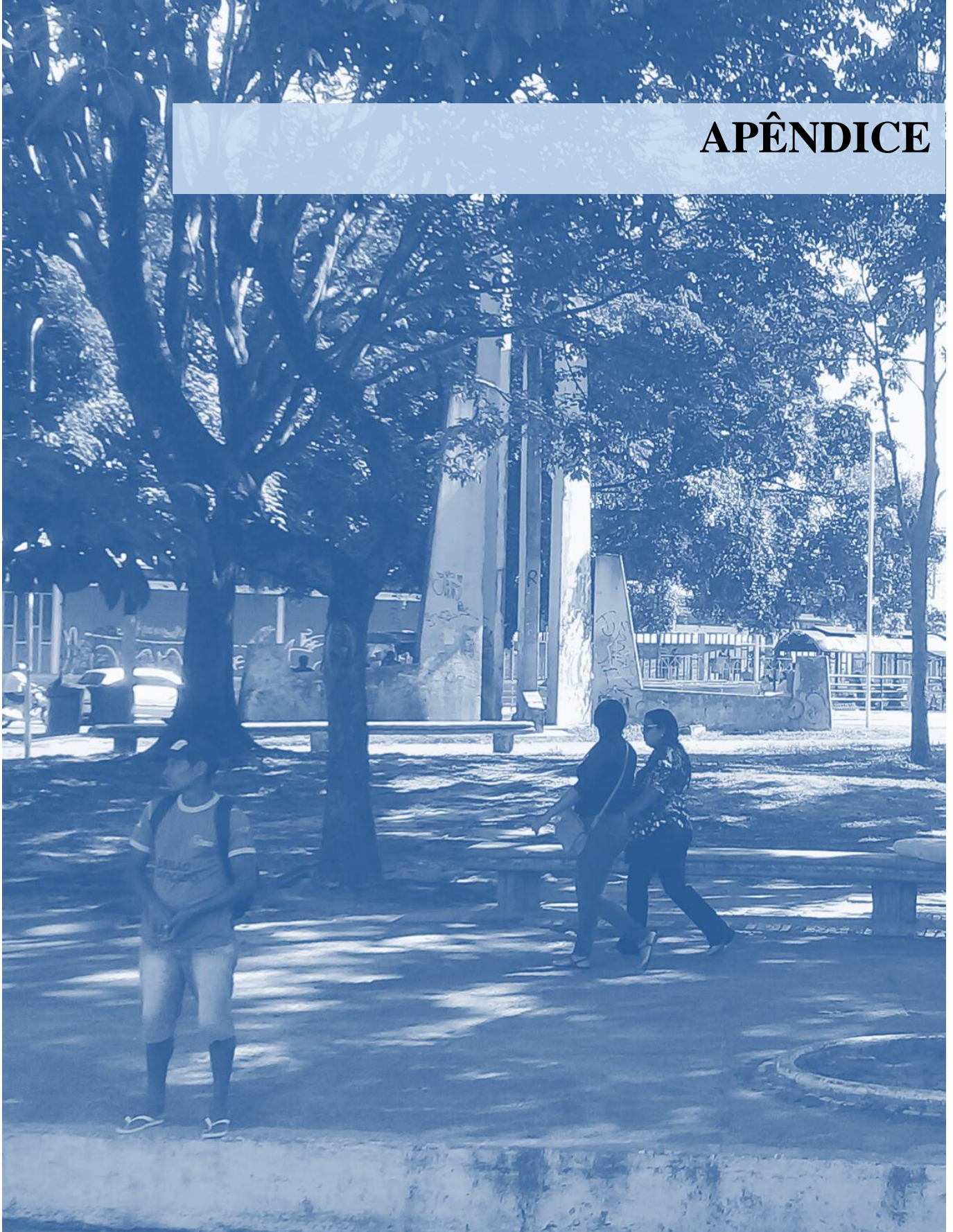
VIEIRA, Vanessa. Praça do Operário, Palco de grandes manifestações políticas. *Diário do Pará*. Belém, p. A – 6, 19 jun. 2006.

ACESSADO DIA 01/12/19: https://www.tripadvisor.com.br/Attraction_Review-g303404-d4891688-Reviews-Praca_Batista_Campos-Belem_State_of_Para.html

ACESSADO DIA 04/12/19: <https://www.diarioonline.com.br/noticias/para/noticia-414277-monumento-de-praca-vira-banheiro-em-belem.html>

ACESSADO DIA 04/12/19: <http://www.belem.pa.gov.br/planodiretor/Mapas/1a_Mapas-Bairros.pdf>. Acesso em: 03/12/19

APÊNDICE



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
FACULDADE DE AQUITETURA E URBANISMO

**APENDICE 1: QUESTIONÁRIO PARA PESQUISA DE OPNIÃO SOBRE A PRAÇA DO OPERÁRIO NO
BAIRRO DE SÃO BRÁS.**

1- MOTIVO DE ESTAR NA PRAÇA:

- VISITA
- TRABALHO
- PASSAGEM

2- VOCÊ TRARIA A SUA FAMÍLIA PARA PASSEAR NA PRAÇA?

- SIM
- NÃO

3- É UM LUGAR AGRADÁVEL?

- SIM
- NÃO

4- ESSA PRAÇA É LIMPA E CONSERVADA?

- SIM
- NÃO

5- VOCÊ ACHA A PRAÇA DO OPERÁRIO UM LUGAR AGRADÁVEL DE FICAR/ESTAR?

- SIM
- NÃO